

Unicamp faz parceria para criar remédio contra câncer

Convênio com laboratórios terá valor de R\$ 8,4 milhões para as pesquisas

A **Unicamp** e a Empresa Brasileira de Pesquisa e Inovação Industrial (Emprabii) firmaram ontem uma parceria com os laboratórios farmacêuticos Aché e Eurofarma no valor de R\$ 8,4 milhões. A proposta é desenvolver, a médio e longo prazo, uma série de medicamentos capa-

zes de combater doenças infecciosas e o câncer. Pela primeira vez no Brasil, as pesquisas serão realizadas em modelo aberto, no qual todo conhecimento gerado será de domínio público e poderá ser utilizado até a fase de validação do potencial terapêutico.

Parceria financia novos medicamentos

Unicamp e Emprabii assinam convênio de R\$ 8,4 milhões com dois laboratórios farmacêuticos

Henrique Hein
DA AGÊNCIA ANHANGUERA
henrique.hein@rac.com.br

A **Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)** e a Empresa Brasileira de Pesquisa e Inovação Industrial (Emprabii) firmaram, na manhã de ontem, uma parceria com os laboratórios farmacêuticos Aché e Eurofarma no valor de R\$ 8,4 milhões. As instituições vão trabalhar para desenvolver, a médio e longo prazo, uma série de medicamentos capazes de combater doenças infecciosas e câncer.

Entre as metas estão remédios para o combate ao câncer

Pela primeira vez no Brasil, as pesquisas serão realizadas em modelo aberto, no qual todo o conhecimento gerado será de domínio público e poderá ser utilizado até a fase de validação do potencial terapêutico dos alvos biológicos. Após o término desta fase, as empresas farmacêuticas estarão autorizadas a patentear os remédios. A parceria tem duração de seis anos e os laboratórios vão arcar com R\$ 4,8 milhões, enquanto os outros R\$ 3,6 milhões serão custeados pela Emprabii, que vai dividir o dinheiro em duas partes iguais para cada laboratório.

O reitor da **Unicamp, Marcelo Knobel**, ressaltou a importância da Instituição participar de pesquisas que tragam benefícios à população no futuro. “É



Reitor da **Unicamp, Marcelo Knobel**, assina a parceria em evento ontem: pesquisas serão em modelo aberto, com resultado de domínio público

fundamental para uma universidade pública, como a **Unicamp**, estabelecer parceria com o setor produtivo através dos seus pesquisadores para buscar a inovação e novos remédios, que são tão importantes para a população e para uma saúde de maneira geral”, comentou Knobel.

Para o coordenador da Unidade Emprabii Cqmed, Paulo Arruda, o desenvolvimento de

um novo medicamento custa muito dinheiro. Segundo ele, “é impossível para uma indústria farmacêutica brasileira sozinho arcar com todos os custos. Então, a empresa se associando ao nosso centro, tem a oportunidade de explorar a expertise na área de biologia molecular, de genética, de química medicinal e, com isso, acelerar o processo de investigação para identificação de novos alvos”,

comentou.

Outra meta do projeto é evitar que um desfecho muito comum em pesquisas desse gênero aconteça. De acordo com os pesquisadores presentes no evento, em 95% dos estudos, as substâncias estudadas acabam não se tornando fármaco. Eles explicam que essa parceria pode acelerar o descobrimento de novos medicamentos.

“É muito custoso uma empresa levar sozinha qualquer projeto do início ao fim. Agora, se você trabalhar em rede, englobando uma série de laboratórios e centros de pesquisa, você consegue compartilhar um conhecimento sobre a viabilidade deste projeto em uma fase muito inicial. Ou seja, você consegue responder muito inicialmente se determinado projeto é viável ou não, sem per-

“Caso seja desenvolvido um fármaco, ele vai demorar de 10 a 15 anos para ser usado em humanos.”

KATLIN MASSIRER

Coordenadora do CQMed-Unicamp

der tempo e dinheiro com pesquisas que no futuro não vão sair do lugar”, explicou o diretor de inovação radical do Aché Laboratórios, Cristiano Guimarães.

Para a Martha Penna, vice-presidente de inovação da Eurofarma, as indústrias farmacêuticas brasileiras agora estão prontas para dar um passo à frente na posição que elas ocupam. “Hoje em dia o desenvolvimento de uma molécula é de um valor elevadíssimo, e você consegue fazer isso de uma forma descentralizada é importante para que você consiga diminuir os riscos de erro”, afirmou.

Já a ministra em exercício da Educação, Maria Helena Guimarães de Castro, que esteve presente na assinatura do convênio, ressaltou a importância da pesquisa. “É impossível pensar em um país melhor sem educação e pesquisa”, declarou.

Patrícia Domingos/AAN